

ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DA COMPETITIVIDADE GLOBAL: AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DE 64 ECONOMIAS POR MEIO DO TOPSIS

MULTIDIMENSIONAL ANALYSIS OF GLOBAL COMPETITIVENESS:
PERFORMANCE EVALUATION OF 64 ECONOMIES USING TOPSIS

Jose Rodolfo dos Santos Silva

Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - Especialista em Segurança em Redes de Computadores pela UNESC – Faculdades Integradas de Cacoal (Cacoal/Brasil). Atualmente é Analista contábil na Medical Center Metrologia LTDA (Cacoal/Brasil).
E-mail: j.rodolfosantos.s@gmail.com

Ronaldo Leão de Miranda

Doutor em Ciências Contábeis e Administração (PPGCC / PPGAD / 2021), pela Fundação Universidade de Blumenau (Blumenau/Brasil). Professor do Departamento de Contabilidade e de Mestrado nos Programas de Pós-Graduação em Administração (PPGA), Campus de Porto Velho / Pós-Graduação em Administração e Contabilidade (PPGAC) Campus de Vilhena / Pós-Graduação em Gestão de Agronegócios e Sustentabilidade (PPGAGRO) Campus de Cacoal, todos da Universidade Federal de Rondônia (Porto Velho/Brasil).
E-mail: ronaldo.miranda@unir.br

Janine Patricia Jost de Miranda

Doutora em Ciências Contábeis e Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração da Universidade Regional de Blumenau (Blumenau/Brasil). Contadora e Professora Substituta no Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Rondônia (Porto Velho/Brasil).
E-mail: janine.jost@gmail.com

Recebido em: 10 de junho de 2025

Aprovado em: 12 de agosto de 2025

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RGD | v. 22 | n. 2 | p. 116-142 | jul./dez. 2025

DOI: <https://doi.org/10.25112/rgd.v22i2.4283>

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo avaliar por meio do TOPSIS o *ranking* de classificação das 64 economias mundiais referente ao desempenho de competitividade global entre os anos de 2023 e 2024. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como descritiva quanto aos objetivos, aplicada quanto aos meios e quantitativa quanto à abordagem do problema. Os principais resultados indicam uma acentuada disparidade no nível de competitividade entre as 64 economias analisadas, destacando-se que as nações mais bem posicionadas no *ranking* TOPSIS, como Cingapura, Suíça e Dinamarca, apresentam elevado desempenho nas dimensões de Eficiência nos Negócios, Governança e Infraestrutura. Por outro lado, países como Venezuela, Argentina e Mongólia figuram nas últimas posições, refletindo desafios estruturais persistentes, como instabilidade institucional, baixa capacidade de inovação e deficiências infraestruturais. A análise estatística evidenciou que Eficiência nos Negócios e Governança foram as dimensões mais voláteis entre as economias. Os continentes europeu e asiático mostraram maior consistência entre os países mais competitivos, enquanto a América Latina e a África apresentaram os maiores desafios estruturais.

Palavras-chave: Competitividade global. Países. TOPSIS. Desempenho.

ABSTRACT

This article aims to evaluate, through TOPSIS, the ranking of the 64 world economies regarding their global competitiveness performance between 2023 and 2024. Methodologically, the research is characterized as descriptive in terms of objectives, applied in terms of means, and quantitative in terms of its approach to the problem. The main results indicate a marked disparity in the level of competitiveness among the 64 economies analyzed, highlighting that the nations best positioned in the TOPSIS ranking, such as Singapore, Switzerland, and Denmark, have high performance in the dimensions of Business Efficiency, Governance, and Infrastructure. On the other hand, countries such as Venezuela, Argentina, and Mongolia are in the last positions, reflecting persistent structural challenges, such as institutional instability, low innovation capacity, and infrastructural deficiencies. The statistical analysis showed that Business Efficiency and Governance were the most volatile dimensions among the economies. The European and Asian continents showed greater consistency among the most competitive countries, while Latin America and Africa presented the greatest structural challenges.

Keywords: Global competitiveness. Countries. TOPSIS. Performance.

1. INTRODUÇÃO

A competitividade mundial tem despertado interesse de cientistas, líderes governamentais e corporações. O conceito de competitividade tem suas raízes teóricas na economia (Reis, 2018), e é definida como a combinação de políticas, instituições e elementos que influenciam a produtividade de uma nação (Porter, 2013). O desenvolvimento econômico é a maior inserção das nações emergentes nos fluxos econômicos globais (Voinescu e Moisoiu, 2019), tendo a competitividade como ponto essencial para a estabilidade e o desenvolvimento econômico.

Em relação à definição de competitividade, o Relatório de Competitividade Global, publicado pelo Fórum Econômico Mundial, a define como o conjunto de instituições, políticas e elementos que estabelecem o grau de produtividade de uma economia, sinalizando o grau de prosperidade que um país pode atingir (Porter, 2013). Os especialistas em economia concordam que a produtividade é um elemento crucial para a prosperidade em longo prazo, mas que é preciso alinhar a competitividade como uma estratégia nacional (Macerinskiene, 2016).

A atratividade de um país específico também é influenciada por elementos como impostos corporativos, dimensão do mercado, infraestrutura, serviços públicos, instituições jurídicas, regulamentação, produtividade laboral, custos trabalhistas e localização (Scott, 2015). Logo, a competitividade tem uma ligação direta com o progresso do ambiente institucional de uma nação, sendo que as nações mais competitivas geralmente exibem um ambiente institucional mais avançado (Ulman, 2018). Instituições financeiras e corporações globais estão interessadas em entender a sua conexão com os aspectos financeiros, organizacionais e políticos das nações, para avaliar possíveis riscos e oportunidades (Hung, 2024).

Diante disso, o crescimento econômico é um desafio social e político, ocorrendo em todos os países com diferentes graus de intensidade, sendo possível notar a institucionalização da competição em diversos setores da vida social e empresarial (Scott, 2015). Estudos sobre competitividade concentram-se na competitividade das organizações, com poucos estudos empregando o *Global Competitiveness Index* (GCI) o qual avalia a competitividade nacional dos países (Fagerberg, 2018).

Diante do exposto, esta pesquisa pretende responder à seguinte questão: Qual o atual *ranking* de competitividade das 64 economias do mundo nos anos de 2023 e 2024? Para tal finalidade, o objetivo deste estudo é avaliar por meio do TOPSIS o *ranking* de classificação das 64 economias mundiais referente ao desempenho de competitividade global entre os anos de 2023 e 2024.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica acerca da competitividade e suas definições, da competitividade global com seus modelos e desafios, assim como das abordagens tradicionais e contemporâneas relacionadas à competitividade.

2.1 COMPETITIVIDADE E AS SUAS DEFINIÇÕES

A competitividade é definida como a combinação de políticas, instituições e elementos que influenciam a produtividade de uma nação (Porter, 2013). Um dos principais objetivos é elevar o padrão e a qualidade de vida dos habitantes (Fagerberg, 2018). Esse conceito abrange elementos estáticos e dinâmicos que se interconectam, de modo que o grau de produtividade de uma nação determina sua capacidade de manter elevado padrão de renda e prosperidade.

Desde 1979, o Fórum Econômico Mundial (WEF) realiza a avaliação mais abrangente sobre competitividade global, com o Índice de Competitividade Global (GCI) servindo como instrumento para identificar forças e fraquezas, acompanhar avanços e apoiar decisões políticas, empresariais e da sociedade civil, promovendo uma visão integrada e de longo prazo (FEM, 2024; Fagerberg, 2018). O aumento da competitividade é um processo complexo, que exige decisões difíceis, reformas sequenciais e flexibilidade diante de mudanças, sendo o relatório de competitividade uma ferramenta essencial para guiar essa evolução (Haugenauer, 2019; WEF, 2023).

Perspectivas sobre competitividade também variam. Ferraz (1995), e Haguenauer (2012), avaliam a competitividade pelo desempenho no mercado internacional, considerando tanto indústrias específicas quanto exportações nacionais totais. Essa visão destaca a participação de mercado como principal indicador, com foco nos resultados obtidos (*ex-post*), mas tende a negligenciar a eficiência na alocação de recursos e as relações causais entre competitividade e evolução econômica (Haugenauer, 2019).

A produtividade é um fator essencial para o retorno sobre o investimento, permitindo que economias mais competitivas se expandam ao longo do tempo (WEF, 2023). Porter (2013), argumenta que a produtividade é a única noção relevante de competitividade em nível nacional, pois garante alta renda, amplia fundos para serviços públicos e melhora o padrão de vida. Ele também enfatiza a necessidade de focar em indústrias e segmentos interconectados para compreender os fatores que influenciam a produtividade e seu ritmo de expansão.

No livro *"A Vantagem Competitiva das Nações"*, Porter (1998), apresenta o modelo "Diamante", que identifica quatro determinantes da vantagem competitiva nacional: condições de fatores, como mão de obra, capital e infraestrutura; condições de demanda, como as características do mercado interno

que incentivam inovação; setores relacionados e de apoio, compostos por indústrias competitivas internacionalmente; e estratégia, estrutura e rivalidade, que definem o ambiente competitivo interno (Carvalho e Guedes, 2018).

O modelo também incorpora variáveis externas, como o acaso, que representa eventos fora de controle que impactam indústrias, e o governo, que influencia positivamente ou negativamente os determinantes por meio de políticas (Porter, 2013; Carvalho e Guedes, 2018). Pesquisas recentes mostram que a competitividade está ligada ao bem-estar social, cultural e econômico das populações. O Fórum Econômico Mundial define competitividade como a combinação de instituições, políticas e fatores que determinam a produtividade e, consequentemente, a prosperidade de uma nação (Mariotto, 1991).

De acordo com Porter (2013), o Relatório de Competitividade Global de 2018 destacou elementos como capital humano, inovação, resiliência e agilidade como essenciais para o sucesso econômico, reforçando que a competitividade promove padrões de vida mais elevados e apoia metas sociais abrangentes. Ao compreender os conceitos sobre competitividade, o tópico seguinte se dedica a apresentar assuntos envolvendo a competitividade na era da globalização.

2.2 COMPETITIVIDADE GLOBAL: MODELOS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Segundo Ezeala-Harrison (2015), a globalização tem reduzido as limitações tradicionais do comércio internacional, conectando virtualmente as economias globais em um mercado único, nesse contexto, a obtenção e manutenção da competitividade global têm se tornado determinante para o sucesso econômico das nações. Para que um país mantenha sua competitividade em relação aos parceiros comerciais, é necessário investir em fatores como o aumento da produtividade e o avanço das ações de pesquisa e desenvolvimento, visando alcançar superávits comerciais, avanços em produtos de alta tecnologia e a manutenção de uma mão de obra altamente qualificada (Ulman, 2018).

Esses elementos, segundo Ezeala-Harrison (2015), determinam se a posição competitiva de uma nação será preservada, aprimorada ou deteriorada ao longo do tempo. Dessa forma, a competitividade está diretamente vinculada à capacidade de influenciar fatores estratégicos e de planejar políticas econômicas eficazes (Barbosa, 2021). O modelo de competitividade global é estruturado em duas dimensões principais: micro e macro. Enquanto os fatores micro determinam a competitividade no nível empresarial ou setorial, abrangendo tecnologia, escala e custos, os fatores macro analisam a competitividade nacional, considerando elementos como liberalização econômica, estrutura institucional apropriada e condições de infraestrutura (Carvalho e Guedes, 2018; Ulman, 2018).

Um país é considerado competitivo se suas indústrias apresentarem maior produtividade total ou menores custos médios unitários em comparação aos concorrentes internacionais (Porter, 2013). O

Fator de Produtividade Total (TFP), que avalia a relação entre insumos e produção, é crucial para mensurar a eficiência e a produtividade de custos, mas, para manter níveis crescentes de TFP, é essencial que a competitividade nacional seja respaldada por condições macroeconômicas adequadas (Ezeala-Harrison, 2015; Voinescu e Moisoiu, 2019).

Em termos de suficiência macroeconômica, fatores como o nível de internacionalização da economia, a gestão da dívida pública, a diversidade de mercados e produtos exportados, a qualidade da infraestrutura e a viabilidade do setor financeiro desempenham papel fundamental na competitividade de um país. Contudo, mesmo que empresas individualmente alcancem avanços em produtividade e custos, esses esforços podem ser insuficientes se a estrutura organizacional do país não for flexível e eficiente, o que resulta em uma condição de competitividade inferior (Porter, 2013; Voinescu e Moisoiu, 2019).

O Índice Global de Competitividade, uma publicação anual do Fórum Econômico Mundial desde 2004, classifica países com base em doze pilares que abrangem fatores econômicos, sociais e tecnológicos. Esses pilares são avaliados por meio de 103 indicadores, que combinam dados de fontes internacionais e pesquisas com executivos de alto nível, permitindo captar a capacidade dos governos em preparar suas economias para transformações globais. Em 2019, a edição do índice avaliou 141 países, representando 99% do PIB mundial, destacando novos modelos de negócios que impactam o crescimento econômico e a produtividade futura (Schmitz e Carvalho, 2019; Sachs, 2016).

O cálculo do índice é feito por agregação contínua de pontuações, desde o nível mais desagregado dos indicadores até a pontuação geral do índice, utilizando a média aritmética em cada etapa. Assim, o índice oferece uma análise multidimensional que serve como ferramenta para pesquisadores de organizações e estratégia, permitindo explorar diferentes dimensões da competitividade global (Voinescu e Moisoiu, 2019). O tópico seguinte se dedica a descrever os desafios para as economias mundiais no que tange a competitividade.

2.3 COMPETITIVIDADE GLOBAL E OS DESAFIOS PARA AS ECONOMIAS

Desde os anos 1990, observa-se uma equiparação nos indicadores de qualidade entre empresas de classe mundial, como destacam Merli (2014). Isso deu início a uma nova etapa para as empresas em um mercado dinâmico e competitivo, marcada pela gestão da tecnologia nos países e, mais recentemente, pela administração do conhecimento (Reis, 2018). Para manterem sua competitividade, os países precisam aprimorar continuamente suas tecnologias de produto e processo, o que resulta no desenvolvimento de novos produtos, processos e serviços (Silva e Plonski, 2019).

Esse progresso depende da geração de conhecimento nas economias, um objetivo que só pode ser alcançado por meio do acesso a sistemas de informação confiáveis e da conversão dessas informações

em conhecimento aplicado (Bellen, 2022). As empresas situadas fora dos países centrais enfrentam desafios nessa reestruturação global, que abrange a gestão da qualidade, tecnologia e informação (Silva e Plonski, 2019).

Pequenos e médios países do setor manufatureiro lidam com o paradigma de implantar sistemas de qualidade, gestão tecnológica, sistemas de informação e, mais recentemente, atender às exigências relacionadas à gestão ambiental e economia de energia (Reis, 2018). Nesse contexto, é crucial analisar as dimensões de competitividade econômica contemporânea, considerando elementos como qualidade, tecnologia, informação e meio ambiente, em comparação com os padrões estabelecidos pelos países mais avançados (Tigre e Pinheiro, 2019).

A conexão entre tecnologias de processo e o meio ambiente é significativa, uma vez que resíduos sólidos, líquidos e gasosos, bem como o consumo de energia, resultam das características das tecnologias empregadas. Países que não desenvolveram essas tecnologias enfrentam desafios para reduzir resíduos e economizar energia, muitas vezes recorrendo apenas a tecnologias ambientais pós-produção ou enfrentando interrupções em períodos de escassez energética (Abdalla, Canejero e Oliveira, 2019).

Entre os obstáculos à geração de conhecimento nas economias está o acesso limitado a informações, dificuldades na formulação de estratégias empresariais, problemas na disseminação do conhecimento organizacional e atrasos na adaptação às inovações tecnológicas (Silva e Plonski, 2019; Crossan e Apaydin, 2020). De acordo com Steesma (2016), a capacitação tecnológica está intrinsecamente ligada à comunicação e ao aprendizado organizacional, sendo a aprendizagem individual insuficiente para criar uma organização de aprendizagem. O conhecimento organizacional emerge como algo distinto da soma dos conhecimentos individuais, e as quatro dimensões críticas – econômica, institucional, infraestrutural e social – estão interligadas no objetivo de implantar sistemas de gestão eficazes (Crossan e Apaydin, 2020).

Silva (2019), aprofunda a análise das dimensões econômica e institucional, destacando seu impacto na gestão de sistemas de informação, meio ambiente e conservação energética, permitindo compreender o estado atual dessas economias. No âmbito da infraestrutura, o *ranking* de Desenvolvimento da Infraestrutura (RDI) avalia 64 países, tanto desenvolvidos quanto em desenvolvimento, considerando setores como transporte, energia, telecomunicações e saneamento básico (Tigre e Pinheiro, 2019).

No entanto, desafios metodológicos persistem na obtenção de indicadores teóricos e estatísticos confiáveis devido à limitada disponibilidade de dados (Silva e Plonski, 2019). A sustentabilidade, fundamentada nos pilares ambiental, social e econômico, tem impacto direto no bem-estar humano. Estudos sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) mostram que os aspectos sociais

e econômicos têm efeitos positivos na satisfação com a vida, enquanto o impacto ambiental pode ser adverso (Bossel, 2019; Bellen, 2022).

Esses achados ressaltam a complexidade na relação entre sustentabilidade e qualidade de vida, evidenciando a importância de intensificar os aspectos humanos e socioeconômicos. Planejamento adequado é essencial, incluindo o desenvolvimento de conhecimento centralizado para melhorias organizacionais e técnicas nas economias (Coriat, 2019).

Assim, é crucial que empresas, governos e universidades promovam a criação e gestão do conhecimento como base para avanços em áreas estratégicas, como informação, qualidade, tecnologia e meio ambiente (Crossan e Apaydin, 2020; Tigre e Pinheiro, 2019). Vale destacar que os avanços japoneses em qualidade, na segunda metade do século XX, foram alcançados sem o uso de computadores, demonstrando a importância da inovação organizacional mesmo em condições tecnológicas limitadas (Bellen, 2022). Por fim, o tópico seguinte se dedica a apresentar algumas abordagens tradicionais e contemporâneas em relação a competitividade.

2.4 ABORDAGENS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS EM RELAÇÃO À COMPETITIVIDADE

A competitividade ganhou destaque nos Estados Unidos nos anos de 1980, em meio a debates sobre o desempenho das empresas americanas frente às concorrentes estrangeiras, especialmente as japonesas, exigindo uma abordagem abrangente e multidimensional (Vecchia, Oliveira e Zanin, 2019). Com o passar do tempo, o conceito passou a ser associado à capacidade de empresas e nações se destacarem em um cenário globalizado (Haguenauer, 2012). De acordo com Barbosa (2021), a competitividade é tratada como uma habilidade que permite a um país, região, cidade ou empresa sobressair-se em determinado contexto, alcançando sucesso em comparação com seus concorrentes.

Nesse sentido, a competitividade desempenha um papel crucial no desenvolvimento econômico e social, atraindo investimentos estrangeiros, estimulando o crescimento econômico e contribuindo para o fortalecimento da economia e o bem-estar social de uma nação (Carvalho e Guedes, 2018). Feldmann (2019), complementa ao destacar que a inovação figura como um dos principais impulsionadores da competitividade em escala global.

A análise da competitividade de um país é essencial para compreender sua capacidade de se destacar internacionalmente, considerando uma ampla gama de indicadores econômicos, sociais, institucionais e ambientais (Cintra e Pinto, 2017). A avaliação baseada nesses indicadores oferece uma visão detalhada e abrangente da competitividade nacional, auxiliando na tomada de decisões estratégicas e contribuindo para o desenvolvimento sustentável (Hung, 2018).

Para Barros e Cesar (2020), a competitividade é complexa de ser avaliada e é multifacetada, depende de uma série de indicadores chave, exemplo, o Índice de Competitividade Global (GCI), elaborado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), avalia 12 pilares que englobam desde a infraestrutura até a inovação. A melhoria da competitividade requer uma ação coordenada entre o Estado, as empresas e a sociedade civil.

A análise de indicadores-chave desempenha um papel fundamental ao identificar áreas que necessitam de maior atenção, permitindo direcionar esforços para promover o desenvolvimento sustentável e inclusivo (Cintra e Pinto, 2017). Até os anos de 1990, a visão tradicional sobre competitividade estava centrada na eficiência da utilização de recursos e no desempenho econômico internacional. Essa abordagem era medida por indicadores como crescimento das exportações, produtividade da mão de obra e retorno sobre o capital (Mariotto, 1991).

Com o avanço das abordagens contemporâneas a partir dos anos 1990, a compreensão da competitividade tornou-se mais aprofundada, reconhecendo sua natureza multidimensional e a interação de diversos fatores interligados. Entre os elementos destacados estão: Inovação, representada pela capacidade de desenvolver e aplicar novas tecnologias, produtos e processos; Recursos Humanos, envolvendo a qualificação e o desenvolvimento da força de trabalho; Infraestrutura, que abrange a qualidade de sistemas físicos e institucionais, como transporte, energia e telecomunicações; Instituições, relacionadas à eficiência e confiabilidade de entidades públicas e privadas; e o Ambiente de Negócios, que reflete um clima favorável ao investimento, à livre iniciativa e à concorrência leal (Barbosa, 2021).

Atualmente, a análise da competitividade considera a dinamicidade do contexto global e a necessidade de adaptações constantes. A ênfase recai sobre fatores dinâmicos e contextuais, como aprendizagem e adaptabilidade, que abrangem a capacidade de aprender com experiências e responder rapidamente às mudanças no mercado e na sociedade (Vasconcelos e Vasconcelos, 2020). Além disso, destacam-se a colaboração e cooperação, essenciais para o estabelecimento de parcerias estratégicas entre empresas, instituições de pesquisa e governos, e a sustentabilidade, que integra os pilares ambiental, social e econômico nas estratégias de negócios (Porter, 2013).

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O delineamento metodológico da pesquisa caracteriza-se como descritiva quanto aos objetivos, aplicada quanto aos meios e quantitativos quanto à abordagem do problema. A pesquisa descritiva tem como finalidade principal descrever, observar e analisar o comportamento de fenômenos, grupos de pessoas, situações ou ambientes específicos (Marconi e Lakatos, 2017), com objetivo de avaliar por

meio do TOPSIS o *ranking* de classificação das 64 economias mundiais referente ao desempenho de competitividade global entre os anos de 2023 e 2024, o estudo adota uma abordagem quantitativa, que envolve o uso de tratamento estatístico na análise dos dados.

Conforme definido por Theóphilo e Martins (2015), uma pesquisa é considerada quantitativa quando é capaz de estruturar, sintetizar, caracterizar e interpretar dados numéricos coletados. A população / amostra analisada neste estudo corresponde as 64 economias, o qual possuem dados disponibilizados sobre competitividade por meio do *World Competitiveness Ranking*. O Quadro a seguir apresenta as 64 economias estudadas.

Quadro 1: Nome das 64 economias estudadas

Singapura	Luxemburgo	Chile
Suíça	Alemanha	Letônia
Dinamarca	Tailândia	Eslovênia
Irlanda	Áustria	Grécia
Hong Kong	Indonésia	Jordânia
Suécia	Reino Unido	Porto Rico
Emirados Árabes Unidos	República Checa	Romênia
Taiwan	Lituânia	Croácia
Holanda	França	Filipinas
Noruega	Nova Zelândia	Türkiye
Catar	Estônia	Hungria
EUA	Malásia	Botsuana
Austrália	Cazaquistão	México
China	Portugal	Colômbia
Finlândia	Kuwait	Bulgária
Arábia Saudita	Japão	Eslováquia
Islândia	Índia	África
Bélgica	Espanha	Mongólia
Canadá	Polónia	Brasil
Coreia do Sul	Itália	Peru
Bahrein	Chipre	Nigéria
Israel		

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Há 36 anos o *World Competitiveness Ranking* foi criado, em uma tentativa de fornecer análise de dados acionáveis sobre economias, regiões e sub-regiões de acordo com a forma como aperfeiçoam suas competências individuais para atingir a criação de valor de longo prazo para seu pessoal. Os dados / indicadores coletados para calcular o *ranking* de competitividade dos 64 países dizem respeito ao desempenho econômico, eficiência governamental, eficiência nos negócios e infraestrutura (IGACMD, 2024).

Dentro da dimensão econômica se mede a economia doméstica, comércio internacional, o investimento internacional, o emprego, e os preços. Na dimensão governamental se mede as finanças públicas, a política fiscal, modelo institucional, a legislação empresarial, e a estrutura social. Na dimensão que trata sobre a eficiência nos negócios, se mede a produtividade e eficiência, o mercado de trabalho, finanças, práticas de gestão, e as atitudes e valores. Por último, tem-se a dimensão infraestrutura, que é medida pela infraestrutura básica, infraestrutura tecnológica, infraestrutura científica, educação, saúde e meio ambiente. O Quadro 2 apresenta de forma mais detalhada as dimensões estudadas.

Quadro 2: Dimensões e variáveis Ranking de Competitividade Global

Dimensão	Variável	Conceitos	Fonte
Econômica	Economia Doméstica	Análise da estabilidade e desempenho econômico interno	World Competitiveness Ranking
	Comércio Internacional	Medida da abertura e integração de uma economia ao mercado global.	
	Investimento Internacional	Avaliação do fluxo de capital estrangeiro e incentivos ao investimento externo.	
	Emprego	Indicador da dinâmica do mercado de trabalho e da capacidade de geração de empregos.	
	Preços	Análise da estabilidade dos preços e níveis de inflação	
Governamental	Finanças Públicas	Eficiência e sustentabilidade na gestão das finanças públicas e dos recursos governamentais.	
	Política Fiscal	Avaliação das políticas tributárias e seu impacto na competitividade.	
	Modelo Institucional	Qualidade e funcionamento das instituições governamentais e sua influência no ambiente de negócios	
	Legislação Empresarial	Análise do marco regulatório e jurídico que afeta a atividade empresarial.	
	Estrutura Social	Avaliação da coesão social e bem-estar coletivo.	
Eficiência nos Negócios	Produtividade e Eficiência	Medida da capacidade das empresas de gerar valor agregado com eficiência	
	Mercado de Trabalho	Análise da flexibilidade, habilidades e competitividade da força de trabalho.	
	Finanças	Avaliação da disponibilidade de capital para negócios e investimentos.	
	Práticas de Gestão	Nível de profissionalismo e inovação nas práticas de administração empresarial.	
	Atitudes e Valores	Impacto cultural e social sobre o desempenho econômico.	
Infraestrutura	Infraestrutura Básica	Disponibilidade e qualidade de rodovias, transporte e serviços públicos.	
	Infraestrutura Tecnológica	Nível de integração e inovação em tecnologia e conectividade.	
	Infraestrutura Científica	Capacidade de realizar pesquisas e inovações científicas.	
	Educação	Qualidade e acesso ao sistema educacional e sua capacidade de formar profissionais qualificados	
	Saúde	Disponibilidade e eficiência dos serviços de saúde pública e privada	
	Meio Ambiente	Sustentabilidade e impacto ambiental das políticas e práticas econômicas.	

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Após a coleta dos dados, foi utilizado o *software Microsoft Excel* para tabulação dos dados e utilizado o modelo de análise multicritério *Technique for Order Preference by Similarity to an Ideal Solution* (TOPSIS) para a obtenção do *ranking* de competitividade global das 64 economias mundiais dos anos de 2023 e 2024. O TOPSIS indica a alternativa mais próxima da solução ideal positiva e a mais distante da solução ideal negativa (Bulgurcu, 2012). Este modelo, TOPSIS, pode ser descrito em seis passos, sendo o primeiro deles a elaboração da matriz de decisão, em que as variáveis de análise devem ser dispostas de acordo com alternativas (no caso do presente estudo, empresas) e critérios (no caso do presente estudo, indicadores), de acordo com a Equação 1.

$$D = [d_{11} \cdots d_{1m} \vdots \vdots d_{n1} \cdots d_{nm}] \text{ (Equação 1)}$$

O segundo passo é a padronização dos dados, e uma das opções para tal é a divisão dos dados pelo valor máximo apresentado em cada variável (Fávero *et al.*, 2009). O terceiro passo é a determinação da solução ideal positiva (A^+) e da solução ideal negativa (A^-) para cada variável analisada, de acordo com a Equação 2 e Equação 3.

$$A^+ = (p_1^+, p_2^+, \dots, p_m^+) \text{ onde } p_j^+ = \{Max_i p_{ij}, j \in J_1; Min_i p_{ij}, j \in J_2\} \text{ (Equação 2)}$$

$$A^- = (p_1^-, p_2^-, \dots, p_m^-) \text{ onde } p_j^- = \{Min_i p_{ij}, j \in J_1; Max_i p_{ij}, j \in J_2\} \text{ (Equação 3) (Equação 3)}$$

O quarto passo refere-se ao cálculo das distâncias de cada variável em relação a solução ideal positiva e a solução ideal negativa, a partir do qual determina-se a distância da solução positiva (D^+) e a distância da solução negativa (D^-) de cada variável, conforme a Equação 4 e Equação 5.

$$d^+ = \sqrt{\sum_{j=1}^n w_j (p_j^+ - p_{ij})^2} \text{ com } i = 1, \dots, m \quad \text{(Equação 4)}$$

$$d^- = \sqrt{\sum_{j=1}^n w_j (p_j^- - p_{ij})^2} \text{ com } i=1, \dots, m. \quad \text{(Equação 5)}$$

O quinto passo, que diz respeito ao cálculo do coeficiente de aproximação de cada variável, ou seja, o desempenho global ou a pontuação final de cada alternativa, o mesmo é calculado de acordo com a Equação 6.

$$\xi_i = \frac{d_i^-}{d_i^+ + d_i^-} \quad \text{(Equação 6)}$$

O sexto passo é a construção do *ranking*, elaborado a partir da classificação em ordem decrescente dos coeficientes de aproximação calculados no quinto passo, este passo a passo foi aplicado para os anos analisados de forma que o *ranking* final que considerou os dois anos analisados, foi elaborado com a aplicação de pontos corridos.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise detalhada dos dados de competitividade global das 64 economias, com base nos dados revelam um panorama complexo e multifacetado, com variações significativas entre países e continentes. A Tabela 1 apresenta a estatística descritiva das dimensões dos anos de 2023 e 2024.

Tabela 1: Estatística descritiva dos dados – Dimensões

Indicadores Estatístico	Econômica		Governamental		Eficiência nos Negócios		Infraestrutura	
	2023	2024	2023	2024	2023	2024	2023	2024
Média	55,27	50,33	55,44	51,24	55,51	51,67	55,25	50,91
DP	13,12	10,97	20,81	17,98	24,68	21,10	22,77	19,76
CV	0,24	0,22	0,38	0,35	0,44	0,41	0,41	0,39
Pesos Wj	0,16	0,16	0,26	0,26	0,30	0,30	0,28	0,28
Max	84,47	75,05	93,53	89,97	100,00	100,00	92,99	88,42
Min	17,07	17,07	0,20	8,65	10,24	18,52	6,50	14,42

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Para analisar a Tabela 1 preciso compreender que quanto maior o valor da média melhor, tendo em vista que os países que estão próximos de 100 no score são os mais competitivos. Tendo em mente isso, se observa que na dimensão econômica, as médias nos dois anos analisados foram de 55,27 em 2023 e 50,33 em 2024, indicando uma maior homogeneidade entre as economias nesse aspecto, sugerindo que, embora o desempenho econômico seja fundamental, as diferenças entre os países são relativamente pequenas neste quesito, tendo em vista o DP mais baixo de todas as dimensões. A redução da média em 2024 pode refletir uma desaceleração global ou dificuldades econômicas mais amplas.

Na dimensão governamental, as médias foram de 55,44 em 2023 e 51,24 em 2024, com variação significativa entre os países, evidenciada pelo alto desvio padrão (20,81 em 2023) e coeficiente de variação (0,38 em 2023). Isso revela grandes disparidades na qualidade da governança, política fiscal, estrutura

institucional e ambiente regulatório. Enquanto algumas economias se beneficiam de instituições sólidas e transparentes, outras enfrentam desafios devido à fragilidade institucional.

A dimensão eficiência nos negócios apresentou as maiores médias (55,51 em 2023 e 51,67 em 2024), além dos maiores níveis de dispersão (DP de 24,68 e CV de 0,44 em 2023). Esses resultados apontam para grandes discrepâncias entre os países em termos de produtividade, práticas gerenciais, flexibilidade do mercado de trabalho e acesso a financiamento. Economias com ambientes de negócios dinâmicos e eficientes tendem a se destacar nessa dimensão, cujo peso ($W_j = 0,30$) ressalta sua relevância na competitividade global.

A dimensão infraestrutura teve médias de 55,25 em 2023 e 50,91 em 2024, também com variabilidade considerável (CV de 0,41 em 2023). A qualidade da infraestrutura física, tecnológica, científica, além de áreas como educação e saúde, representa um diferencial importante entre as economias. Países com infraestrutura avançada oferecem condições mais favoráveis para crescimento e inovação, enquanto carências nesse campo limitam a competitividade (Tigre e Pinheiro, 2019). O peso atribuído à dimensão ($W_j = 0,28$) reforça sua importância estratégica frente a outros indicadores.

A queda nas médias de todas as dimensões entre 2023 e 2024 sugere uma possível desaceleração da competitividade global ou critérios de avaliação mais rigorosos. As dimensões de eficiência nos negócios e governamental continuam sendo as mais determinantes para distinguir o desempenho entre as economias, evidenciando que a eficiência na gestão empresarial e a robustez institucional são pilares essenciais para o sucesso competitivo (Barbosa, 2021). A Tabela 2 se dedica a apresentar o *ranking* final de todos os países, e assim comparar os resultados.

Tabela 2: Estatística descritiva dos dados – *Ranking* final

Países	2023		2024		Pontos corridos / Pontuação
	TOPSIS	RK	TOPSIS	RK	
África do Sul	0,2028	61	0,1999	61	6
Alemanha	0,6706	22	0,5470	25	81
Arábia Saudita	0,7258	17	0,6381	17	94
Argentina	0,1638	63	0,1932	62	3
Austrália	0,6954	20	0,6654	13	95
Áustria	0,6482	24	0,5493	24	80
Bahrein	0,6367	25	0,5797	22	81
Bélgica	0,7855	9	0,6254	18	101

Botsuana	0,2895	57	0,2689	56	15
Brasil	0,2418	60	0,2568	57	11
Bulgária	0,2859	58	0,2789	54	16
Canadá	0,7671	13	0,6143	19	96
Catar	0,7562	15	0,6914	11	102
Cazaquistão	0,5070	37	0,4567	35	56
Chile	0,4315	44	0,3771	44	40
China	0,6925	21	0,6622	14	93
Chipre	0,4295	45	0,3931	43	40
Singapura	0,8696	3	0,9097	1	124
Colômbia	0,2775	59	0,2146	60	9
Croácia	0,3698	51	0,2974	50	27
Dinamarca	0,8709	2	0,8539	3	123
Emirados Árabes Unidos (EAU)	0,7710	12	0,7401	9	107
Eslovênia	0,4616	42	0,3627	46	40
Espanha	0,5193	35	0,4255	39	54
Estados Unidos da América (EUA)	0,7822	10	0,6716	12	106
Estônia	0,6328	26	0,4946	32	70
Filipinas	0,3644	53	0,2918	52	23
Finlândia	0,7737	11	0,6590	15	102
França	0,5589	33	0,5144	31	64
Grécia	0,3791	47	0,3408	48	33
Holanda	0,8486	5	0,7476	8	115
Hungria	0,4249	46	0,3605	47	35
Índia	0,4855	39	0,4165	40	49
Indonésia	0,5537	34	0,5257	28	66
Irlanda	0,8740	1	0,8055	4	123
Islândia	0,7472	16	0,6454	16	96
Israel	0,6603	23	0,5902	21	84
Itália	0,4765	41	0,4087	41	46

Japão	0,5186	36	0,4528	36	56
Jordânia	0,3697	52	0,3308	49	27
Kuwait	0,4844	40	0,4407	38	50
Letônia	0,3746	49	0,3770	45	34
Lituânia	0,5775	32	0,5191	29	67
Luxemburgo	0,6976	19	0,5676	23	86
Malásia	0,6060	29	0,4794	34	65
México	0,2936	56	0,2703	55	17
Mongólia	0,1806	62	0,2373	58	8
Noruega	0,7660	14	0,7385	10	104
Nova Zelândia	0,5870	31	0,4880	33	64
Peru	0,2951	55	0,1872	63	10
Polônia	0,4342	43	0,4029	42	43
Portugal	0,4980	38	0,4526	37	53
Hong Kong	0,7861	8	0,7965	5	115
Reino Unido	0,6140	28	0,5282	27	73
República da Coreia	0,6141	27	0,5956	20	81
Eslováquia	0,3613	54	0,2283	59	15
República Tcheca	0,7144	18	0,5178	30	80
Romênia	0,3737	50	0,2962	51	27
Suécia	0,8029	7	0,7907	6	115
Suíça	0,8579	4	0,8565	2	122
Tailândia	0,5977	30	0,5329	26	72
Taiwan	0,8171	6	0,7675	7	115
Turquia	0,3779	48	0,2896	53	27
Venezuela	0,0887	64	0,0041	64	0

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Ao observar a Tabela 2, percebe-se que a mesma reflete o nível de competitividade de cada país em relação aos demais, com valores mais altos indicando maior proximidade da solução ideal. Além disso, a coluna de pontos corridos representa a soma da performance nos dois anos, fornecendo uma medida adicional da consistência competitiva ao longo do tempo.

Essa análise permite compreender, de forma mais abrangente, como diferentes economias evoluíram em termos de competitividade, destacando tanto os avanços quanto os retrocessos em cada contexto nacional e regional, conforme os critérios da metodologia TOPSIS (Bulgurcu, 2012). Tendo em vista que são vários países, a Tabela 3 e 4 se dedicam a explorar melhor os resultados dos melhores e dos piores países no *ranking* de competitividade.

Tabela 3: Top 10 melhores países no ranking TOPSIS

Países	Ranking final (Pontuação)	Posição
Singapura	124	1
Dinamarca	123	2
Irlanda	123	3
Suíça	122	4
Holanda	115	5
Hong Kong	115	6
Suécia	115	7
Taiwan	115	8
Emirados Árabes Unidos (EAU)	107	9
Estados Unidos da América (EUA)	106	10

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A Tabela 3 reflete o bom momento que vive Singapura, ocupando o primeiro lugar absoluto, refletindo sua combinação exemplar de eficiência governamental, ambiente de negócios altamente competitivo e infraestrutura de classe mundial. Logo atrás, Dinamarca e Irlanda demonstram grande consistência, impulsionadas por economias flexíveis, políticas públicas eficazes e altos níveis de inovação. Suíça, tradicionalmente entre os líderes globais, reforça sua posição com instituições sólidas, estabilidade econômica e excelência em pesquisa e desenvolvimento.

Na sequência, Holanda, Hong Kong, Suécia e Taiwan compartilham pontuações similares, refletindo um forte equilíbrio entre inovação, educação, infraestrutura tecnológica e eficiência empresarial. Emirados Árabes Unidos despontam como destaque entre as economias emergentes, evidenciando uma trajetória ascendente sustentada por reformas institucionais, modernização da gestão pública e diversificação econômica. Estados Unidos completam o grupo, mantendo-se entre os líderes globais devido à sua capacidade de inovação, dinamismo empresarial e grande mercado interno, apesar de desafios estruturais em outras dimensões.

De modo geral, os países presentes neste Top 10 demonstram forte desempenho especialmente nas dimensões de Eficiência nos Negócios e Infraestrutura, que possuem os maiores pesos na metodologia TOPSIS utilizada. Essa posição privilegiada revela um padrão de competitividade sustentado por políticas consistentes, investimentos em capital humano, inovação tecnológica e ambiente institucional robusto – características fundamentais para a liderança em competitividade no cenário global. Na contramão destes países, tem os 10 piores (Tabela 4).

Tabela 4: 10 Piores países no *ranking* TOPSIS

Países	<i>Ranking</i> final (Pontuação)	Posição
Bulgária	16	55
Botsuana	15	56
Eslováquia	15	57
Brasil	11	58
Peru	10	59
Colômbia	9	60
Mongólia	8	61
África do Sul	6	62
Argentina	3	63
Venezuela	0	64

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Em contraste com as economias líderes, os países que ocupam as últimas posições no *ranking* TOPSIS enfrentam limitações estruturais e institucionais significativas, que comprometem sua competitividade global. Esses países registram de modo geral, desempenho insatisfatório nas dimensões de Governança, Eficiência nos Negócios e Infraestrutura, as quais exercem maior influência na composição do índice.

A Venezuela, na última colocação, apresenta o menor escore agregado, refletindo um colapso institucional generalizado, instabilidade macroeconômica e profunda deterioração da infraestrutura. Argentina, África do Sul e Mongólia também figuram entre os piores desempenhos, afetadas por desafios como instabilidade social, dificuldades em diversificação econômica e déficits institucionais. No caso específico da África do Sul, embora haja avanços em certos setores de infraestrutura, problemas de governança, desemprego elevado e desigualdade social comprometem seu desempenho geral.

Países como Colômbia, Peru e Brasil enfrentam obstáculos crônicos relacionados à carga tributária excessiva, burocracia, infraestrutura deficiente e fragilidade institucional. Apesar de seu potencial

econômico, essas economias têm dificuldades em traduzir seus recursos e mercado interno em maior competitividade. Eslováquia, Botsuana e Bulgária fecham o grupo com desempenhos igualmente modestos, ainda limitados por deficiências em governança, inovação e ambiente regulatório.

De maneira geral, essas economias segundo o *Ranking* de Competitividade Global apresentam fragilidades persistentes que limitam sua capacidade de criar ambientes favoráveis ao investimento, à inovação e ao crescimento sustentável. A baixa pontuação nessas dimensões centrais reforça a necessidade de reformas estruturais e estratégias de longo prazo voltadas à estabilidade institucional, ao fortalecimento do setor produtivo e à melhoria da qualidade da infraestrutura. Ao entender os melhores e os piores países no quesito competitividade, a Tabela 5 apresenta dados de desempenho de competitividade por continente, o qual revelam padrões de competitividade distintos:

Tabela 5: Top 10 melhores países por continente no ranking TOPSIS

Países	Ranking final Pontuação	Posição	Continentes
Cingapura	124	1	Ásia - Pacífico
Dinamarca	123	2	Europa - Oriente Médio - África
Irlanda	123	3	Europa - Oriente Médio - África
Suíça	122	4	Europa - Oriente Médio - África
Holanda	115	5	Europa - Oriente Médio - África
Hong Kong	115	6	Ásia - Pacífico
Suécia	115	7	Europa - Oriente Médio - África
Taiwan	115	8	Ásia - Pacífico
Emirados Árabes Unidos (EAU)	107	9	Europa - Oriente Médio - África
Estados Unidos da América (EUA)	106	10	As Américas
Países	Ranking final Pontuação	Posição	Continentes
Bulgária	16	55	Europa - Oriente Médio - África
Botsuana	15	56	Europa - Oriente Médio - África
Eslováquia	15	57	Europa - Oriente Médio - África
Brasil	11	58	As Américas
Peru	10	59	As Américas
Colômbia	9	60	As Américas
Mongólia	8	61	Ásia - Pacífico
África do Sul	6	62	Europa - Oriente Médio - África
Argentina	3	63	As Américas
Venezuela	0	64	As Américas

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Ao analisar a Tabela 5 em conjunto com a Tabela 2, percebe-se que a Europa, incluindo Oriente Médio e África na mesma classificação regional, apresenta a maior concentração de economias altamente competitivas. Países como Suíça, Dinamarca, Irlanda, Suécia e Holanda destacam-se pelo elevado nível de inovação, instituições sólidas, excelente infraestrutura e ambientes de negócios eficientes. Mesmo

economias menores da região, como Estônia e Lituânia, demonstram progresso significativo. No entanto, a região também abriga economias com desempenho inferior, como Bulgária, Eslováquia e Grécia, que enfrentam desafios estruturais relacionados à governança, produtividade e eficiência dos mercados.

Na Ásia-Pacífico, o destaque vai para países como Cingapura, Hong Kong e Taiwan, que figuram entre os líderes globais em competitividade, impulsionados por inovação tecnológica, abertura econômica e ambientes regulatórios favoráveis. Além desses, economias como Japão, Coreia do Sul e China também apresentam alto desempenho, com avanços constantes em infraestrutura e desenvolvimento industrial. Ainda assim, a região é marcada por disparidades: países como Mongólia, Filipinas, Índia e Cazaquistão, embora em crescimento, enfrentam desafios significativos em governança, infraestrutura e mercado de trabalho, dificultando sua ascensão no *ranking*.

As Américas demonstram uma forte polarização em termos de competitividade. Os Estados Unidos, seguidos por Canadá e possivelmente Porto Rico, figuram entre os países com melhor desempenho, beneficiando-se de mercados grandes, inovação robusta e ambientes empresariais maduros. Em contrapartida, nações da América Latina como Brasil, Peru, Colômbia, Argentina e Venezuela enfrentam graves entraves, incluindo burocracia excessiva, alta carga tributária, baixa eficiência institucional e infraestrutura precária. Essa heterogeneidade reflete as diferenças marcantes nas condições políticas, econômicas e sociais do continente.

O caso da África, representada por poucos países na amostra, evidencia os desafios estruturais enfrentados pela região. África do Sul e Botsuana, embora sejam os mais bem posicionados do continente, ainda ocupam as últimas posições em termos globais. Problemas como instabilidade institucional, dependência de commodities, infraestrutura deficiente e baixa eficiência governamental limitam seriamente a competitividade africana. Países como Nigéria, frequentemente associados aos piores desempenhos em rankings internacionais, não constam na amostra, mas seguem como exemplos de nações que enfrentam barreiras significativas ao desenvolvimento competitivo.

De forma geral, a Europa e o Sudeste Asiático são as regiões com melhor desempenho agregado em competitividade, concentrando a maioria dos países líderes nos rankings globais. As Américas apresentam um contraste marcante entre o alto desempenho do hemisfério norte e os desafios enfrentados na América Latina. Já a África, apesar de seu potencial, continua a enfrentar os maiores obstáculos estruturais, exigindo reformas profundas e investimentos consistentes para melhorar sua posição no cenário competitivo internacional.

Por fim, com base nas análises do *ranking* TOPSIS, observa-se que os países mais bem colocados compartilham características relacionadas à inovação, solidez institucional e desenvolvimento tecnológico – aspectos que dialogam diretamente com os elementos-chave da competitividade contemporânea

descritos por Silva e Plonski (2019), e Tigre e Pinheiro (2019). Cingapura, Dinamarca, Irlanda e Suíça, por exemplo, ocupam as posições mais elevadas por apresentarem equilíbrio entre qualidade institucional, infraestrutura avançada, eficiência no ambiente de negócios e alta capacidade de inovação. Esses fatores ilustram como a gestão eficaz do conhecimento e o uso estratégico da tecnologia promovem uma vantagem competitiva sustentável, conforme apontado por Reis (2018), e Bellen (2022).

Por outro lado, as economias posicionadas nas últimas colocações – como Venezuela, Argentina, Mongólia e Brasil – enfrentam entraves estruturais que dificultam seu desempenho competitivo. Tais países lidam com déficits significativos nas dimensões de governança, infraestrutura e eficiência dos mercados, fatores que, segundo Crossan e Apaydin (2020), comprometem a capacidade de geração e disseminação do conhecimento organizacional e nacional. Além disso, as limitações no acesso a sistemas de informação confiáveis e nas estratégias de gestão tecnológica afetam diretamente o progresso econômico e a adaptação às exigências ambientais e energéticas, como indicam Abdalla, Canejero e Oliveira (2019).

Regionalmente, a análise revela uma polarização marcante entre continentes. A Europa e a Ásia-Pacífico se destacam por concentrarem a maioria das economias líderes, resultado de décadas de investimento em infraestrutura, inovação e educação – dimensões centrais para a competitividade, segundo Porter (2013), e Barbosa (2021). Em contraste, América Latina e África exibem desafios crônicos que, além de refletirem desigualdades históricas, exigem reformas estruturais profundas e políticas coordenadas entre Estado, empresas e sociedade civil para romper o ciclo de baixa competitividade (Cintra e Pinto, 2017; Feldmann, 2019). Essa realidade reforça a necessidade de abordagens contemporâneas que considerem não apenas fatores econômicos, mas também os contextos institucionais, sociais e ambientais como bases para o desenvolvimento sustentável e competitivo das nações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo atingiu o objetivo de avaliar por meio do TOPSIS o *ranking* de classificação das 64 economias mundiais referente ao desempenho de competitividade global entre os anos de 2023 e 2024. As estatísticas descritivas revelaram uma crescente dispersão entre os países, com flutuações significativas nos scores, o que sugere uma sensibilidade da competitividade frente às dinâmicas geopolíticas, tecnológicas e sociais. Entre os pilares avaliados, destacam-se Eficiência nos Negócios e Governança como os mais voláteis.

Economias que consistentemente lideram o *ranking* – como Cingapura, Suíça e Dinamarca – são marcadas pela inovação, desburocratização e estabilidade institucional, criando um ambiente propício à

produtividade e à atração de investimentos. Em contraste, países de desempenho inferior, como Brasil, Mongólia e Venezuela, enfrentam sérios obstáculos nessas áreas, refletindo problemas estruturais de longo prazo relacionados à gestão pública e à ineficiência do setor produtivo.

Outro fator crítico é a infraestrutura: sistemas robustos de transporte, energia, telecomunicações, saúde e educação não só impulsionam a competitividade, como também fomentam o desenvolvimento do capital humano e a transição para uma economia do conhecimento. A análise regional reforça as disparidades globais. Europa Ocidental e Sudeste Asiático despontam como centros de alta competitividade, beneficiando-se de instituições maduras, elevados investimentos em P&D e capacidade de adaptação tecnológica.

A América apresenta uma dualidade evidente: enquanto países como EUA e Canadá mantêm posições de destaque, diversas nações latino-americanas seguem enfrentando entraves históricos, infraestrutura precária e baixa eficiência. Já a África permanece como o continente com maiores desafios estruturais, especialmente em infraestrutura, educação e governança. Dessa forma, a competitividade global exige uma abordagem holística e estratégica, integrando reformas institucionais, investimentos em capital humano e avanços em tecnologia e sustentabilidade. Só assim será possível fortalecer o posicionamento internacional das economias e garantir prosperidade e bem-estar à população.

Uma limitação importante deste estudo refere-se à restrição temporal da análise, que se baseou exclusivamente nos dados de 2023 e 2024 do *IMD World Competitiveness Ranking*. Isso se deve à mudança na composição das variáveis ao longo dos anos, o que impossibilita a comparação direta com séries anteriores devido à falta de consistência metodológica. Essa limitação compromete a possibilidade de análises históricas mais amplas ou de longo prazo. No entanto, à medida que mais edições do ranking forem publicadas com as mesmas variáveis e metodologia, será possível construir uma base de dados mais robusta e homogênea.

Logo permitirá, em estudos futuros, compreender com maior profundidade a evolução da competitividade global ao longo de décadas, identificando tendências estruturais, avanços sustentáveis e padrões regionais de competitividade.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Márcio Moutinho; CONEJERO, Marco Antônio; OLIVEIRA, Murilo A. Administração estratégica: da teoria à prática no Brasil. **São Paulo: Atlas**, 2019.

BARBOSA, L. **Esses países têm a melhor classificação em competitividade digital**. Brasscom. 13 set. 2021.

BARROS, Felipe França; CESAR, Francisco Ignácio Giocondo. Análise da influência da inovação e indústria 4.0 no crescimento econômico brasileiro frente aos brics. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, p. 16227-16248, 2020.

BELLEN, H. M. V. Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa. Santa Catarina, Nov. 2022. **Tese** (Doutorado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

BOSSEL, Hartmut. **Indicadores para o desenvolvimento sustentável**: teoria, método, aplicações. 2019.

BULGURCU, Berna Kiran. Application of TOPSIS technique for financial performance evaluation of technology firms in Istanbul stock exchange market. **Procedia-social and behavioral sciences**, v. 62, p. 1033-1040, 2012.

CARVALHO, Enéas Gonçalves de; GUEDES, Sebastião Neto Ribeiro. A competitividade internacional: notas para uma abordagem não ortodoxa. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 38, p. 731-739, 2018.

CEDA - IMD World Digital Competitiveness Ranking. IMD World Competitiveness Ranking. **IMD**, 2023.

CINTRA, Marcos Antonio; PINTO, Eduardo Costa. China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 37, p. 381-400, 2017.

CORIAT, Benjamin. Automação programável: novas formas e conceitos de organização da produção. **Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional**. São Paulo: Hucitec, p. 13-62, 1988.

EZEALA-HARRISON, F. **Sobre as noções concorrentes de competitividade internacional**. Vol. 13, nº 01, 2015.

FAGERBERG, J. **Competitividade Internacional**. The Economic Journal, nº 89, jun.2018.

FÁVERO, L. P. L *et al.* **Análise de Dados: modelagem, inferência e visualização**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FELDMANN, Paulo Roberto *et al.* A relação entre a Inovação e a Competitividade Global: o papel mediador das Práticas de Gestão avaliadas por modelagem de equações estruturais. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 21, p. 195-212, 2019.

FEM (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL). **The Global Competitiveness Report 2023**. Geneva: World Economic Forum, 2024.

FERRAZ, João Carlos; KUPFER, David; HAGUENAUER, Lia. Desafios competitivos para a indústria. **Rio de Janeiro: Campus**, 1995.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL - WEF. **O Relatório de Competitividade Global 2024**. Nova York, Oxford University Press, 2023.

HAGUENAUER Lia. Competitividade: conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 16, p. 146-176, 2012.

HUNG, C. H. Geopolitical risks and global supply chain resilience: a cross-country analysis. **International Journal of Logistics Management**, v. 35, n. 1, p. 1-20, 2024.

HUNG, C. H. The impact of political risk on foreign direct investment: a panel data analysis. **Journal of Economic Development**, v. 43, n. 1, p. 23-42, 2018.

IGACMD - **O Instituto de Gestão Anuário de Competitividade Mundial do Desenvolvimento 2024**.

MACERINSKIENE, I. **Competitividade da economia nacional da República do Cazaquistão**. Engenharia Econômica, v. 22, nº 03, pág. 292-299, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 3º ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARIOTTO, F. L. **Competitividade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 1991.

MERLI, R. **Total quality management: a framework for corporate excellence**. New York: CRC Press, 2014.

PORTER, Michael. **A Vantagem Competitiva das Nações**. Rio de Janeiro: Campus. 2013.

PORTER, Michael. **A vantagem competitiva das nações**. Copyright© 1990 por Michael E. Porter. Copyright da Introdução© 1998 por Michael E. Porter. Reimpresso com a permissão da Free Press, uma Divisão da Simon e Schuster, Incorporated, 1998.

REIS, A. J. Competitividade: o conceito, as abordagens e os desafios. **Revista de Economia e Desenvolvimento**, v. 18, n. 2, p. 1-18, 2018.

SACHS, I. **Desenvolvimento a uma análise multidimensional**. Ed. Garamond, 2016. Rio de Janeiro. Brasil.

SCHMITZ, S.; CARVALHO, R. B. Abordagens de Competitividade: Revisão e Análise de Modelos para o Contexto de Estudos Organizacionais e Estratégicos. **Revista de Administração Pública**, v. 53, n. 6, p. 1205-1224, 2019.

SCOTT, B. R. **Competitiveness: A Dangerous Obsession?**. Boston: Harvard Business School Press, 2015.

SILVA, J. R. S.; PLONSKI, G. A. A gestão da inovação e da tecnologia nas empresas brasileiras. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 3, p. 200-212, 2019.

STEESMA, H. K. **Adquirindo competências tecnológicas por meio da colaboração interorganizacional: uma perspectiva de aprendizagem organizacional**. Revista de Engenharia e Gestão de Tecnologia. Vol. 12. 2016.

THEÓPHILO, C. R.; MARTINS, G. de A. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2015.

TIGRE, P. B.; PINHEIRO, A. C. **Inovação e competitividade na indústria brasileira**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

ULMAN, D. The institutional environment and country competitiveness. **Acta Economica Universitatis Danubius**, v. 11, n. 2, p. 5-18, 2018.

VASCONCELOS, A. M.; VASCONCELOS, F. C. Competitividade e sustentabilidade: uma abordagem integrada para o sucesso empresarial. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 21, n. 6, p. 1-20, 2020.

VECCHIA, R. L.; OLIVEIRA, S. P.; ZANIN, A. C. Evolução do conceito de competitividade: das teorias clássicas às abordagens contemporâneas. **Revista de Administração da UFSM**, v. 12, n. 1, p. 110-125, 2019.

VOINESCU, L.; MOISOIU, C. Competitiveness and economic development: a panel data analysis for EU countries. **Journal of Business Economics and Management**, v. 20, n. 1, p. 20-35, 2019.